



PÓLOS DE OPOSIÇÃO NA POESIA DRUMMONDIANA: UMA LEITURA DO POEMA “PASSAGEM DA NOITE”.

POLES OF OPPOSITION IN DRUMMOND’S POETRY: A READING OF THE POEM *PASSAGEM DA NOITE*

Natália Gonçalves de Souza Santos¹

RESUMO: Uma breve análise do poema “Passagem da noite”, de Carlos Drummond de Andrade, localizado no livro de poemas *A rosa do povo*, de 1945. O caminho privilegiado para a leitura do texto segue a direção dos dois pólos de oposição encontrados na poesia de Drummond, o EU *versus* o MUNDO, especialmente neste livro. Nosso objetivo é mostrar como Drummond trabalha com estas duas perspectivas. Se em alguns poemas, o poeta privilegia somente um dos pólos, como em “Versos à boca da noite”, em “Passagem da noite” encontraremos uma espécie de harmonia ou mesmo, um embate.
Modernismo brasileiro – poesia – Drummond.

ABSTRACT: A short interpretation of the poem “Passagem da noite” by Carlos Drummond de Andrade, written on the poems book *A rosa do povo*, of 1945. The chosen way for the interpretation text follows the direction of the two opposite poles found in Drummond’s poetry, MY OWN *versus* THE WORLD, especially at this book. Our objective is to demonstrate how Drummond works with these two perspectives. If in some poems, the poet chooses only one of the poles, as in “Versos à boca da noite”, in “Passagem da noite” we find a kind of harmony or maybe, a conflict.
Brazilian Modernism – poetry – Drummond.

Introdução

Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) é um escritor brasileiro modernista, pertencente à segunda geração deste movimento. Sua produção compreende uma vasta obra, abrangendo vários gêneros como a crônica, a prosa e a poesia, mas foi com esta última que alcançou mais vulto. Dentre os diversos livros de poemas que publicou, nos ateremos ao livro *A rosa do povo*, de 1945, um dos mais extensos, contendo 55 textos.

O fator temporal torna-se importante para a profunda compreensão deste livro: o mundo se encontrava num estado de medo constante, em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da ameaça nazista. Pairava no cotidiano de toda a população uma

¹ Aluna do terceiro ano da graduação em Licenciatura plena em Letras – Português/Inglês, na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. Bolsista do CNPQ, pesquisa sobre Romantismo, vínculo livre. E-mail: natalia-santos@hotmail.com



atmosfera de incerteza quanto ao porvir: os alemães tomariam às rédeas do jogo? Os russos venceriam? Quem sobreviveria a um combate nuclear? O Brasil, além de compartilhar esta série de questões, encontrava-se sob o jugo da ditadura de Getúlio Vargas. Isto aumentava ainda mais o problema e o trazia, de fato, para a realidade dos brasileiros, já que deixava de ser algo distante, europeu, para ser algo nacional, uma situação de convívio com a repressão e a com a violência.

Tais fatores geraram um ambiente de conflito e dúvida em todos os âmbitos da sociedade e, inclusive, na Literatura, cuja uma das principais funções é remeter o leitor à reflexão sobre si e sobre o mundo. Drummond encontra-se totalmente inserido neste contexto de reflexão sobre o meio externo, além de apresentar uma preocupação com o posicionamento do próprio “eu” frente aos conflitos mundiais e também em relação aos conflitos internos, os quais ocupam um grande espaço nesta obra. Portanto, podemos pensar em *A Rosa do Povo* como um livro de tensão entre o EU *versus* o MUNDO.

No caso do EU, encontramos textos como “Versos à Boca da Noite” e “Idade Madura”, que abordam o questionamento do poeta em relação ao tempo e a sua vida. No caso do MUNDO, nos deparamos com textos de pura observação acerca da sociedade e do período de medo que esta atravessava, como, por exemplo, “A flor e a náusea” e “Russo em Berlim”. Já o poema “Passagem da Noite”, do qual nos ocuparemos nesta breve análise, é capaz de sintetizar ambas as vertentes trabalhadas no livro, pois a investigação intelectual sobre uma determinada problemática assume uma relação dialógica: parte do “eu” e se reflete no “mundo” da mesma forma que as questões do “mundo” permeiam o “eu”.

Desenvolvimento

“Passagem da Noite” é um poema composto em versos heptassílabos ou redondilhos maiores, o que, por um lado, afasta Drummond de uma das principais características modernistas, o verso livre, demonstrando sua universalidade e a condição de consolidação do segundo tempo modernista; e, por outro lado, aproxima-o da tradição das cantigas trovadorescas da Idade Média por este motivo e também por alguns motivos temáticos. O ritmo regular das redondilhas cria uma unidade sonora nas estrofes, embora o poema não tenha um esquema rímico definido para a fixação dessa unidade.



Trata-se de quarenta versos divididos em dois blocos de vinte versos cada um, separados por um espaço gráfico e pela conjunção adversativa “mas”, que quebra uma série de anáforas (“É noite...”) e tem a função de estabelecer um efeito contrastivo do primeiro para o segundo bloco.

O primeiro verso contém os principais aspectos deste primeiro momento, trata-se da apresentação da situação em que se encontra o eu-lírico. Nele, ocorre a aliteração de [n] apoiada em [t], nasal e oclusiva, respectivamente, ambas alveolares “É *noite*. *Sinto* que é *noite*” (ANDRADE, 2004, p. 48).

Segundo a teoria de Grammont (CANDIDO, 2004 p. 49), o fonema [n] tem a propriedade de transmitir a idéia de lentidão e, apoiada em [t], tem seu efeito acentuado devido à idéia de repetição deste segundo fonema. Além da presença do verbo ser, um verbo de estado, contribuindo para o congelamento da ação. Assim, temos a impressão de travamento, de uma eternidade noturna. Notamos, também, uma ocorrência maior das nasais em todo o primeiro bloco que nos dão a sensação de que a escuridão da noite está dominando todo o ambiente.

Em auxílio do efeito fônico, temos o alastramento da sombra pela colocação das palavras. Na verdade, podemos afirmar que essa primeira grande estrofe se resume em duas gradações: uma semântica e outra fônica e que concorrem para fins diferentes.

A primeira delas, a semântica, é uma gradação progressiva, que se divide em dois momentos: numa primeira etapa há o espalhamento da noite pelo “eu”, depois pela sociedade e, finalmente, por todo o ambiente. No primeiro estágio, a noite brota praticamente de dentro do eu-lírico,

mas porque dentro de mim,
no fundo de mim

depois aborda o outro como sendo nós, incluindo, também o eu, “Sinto que nós somos noite” e culmina com os elementos do ambiente,

Sinto que é noite no vento,
noite nas águas, na pedra.

Simultaneamente, ocorre o espalhamento da noite através dos seguintes elementos do ambiente externo:

É noite no meu amigo.



É noite no submarino.
É noite na roça grande.

ou seja, é noite naquele que está mais próximo de quem fala, num local específico e num espaço maior que engloba os anteriores, portanto, é noite em tudo. Esta gradação funciona para aumentar o efeito de poder conferido à noite.

A segunda gradação se dá através do grupo fonético [nt] e ocorre nos versos ligados por anáforas. Trata-se de uma gradação digressiva porque a sua ocorrência vai diminuindo. No primeiro verso, ele aparece três vezes contra, no máximo, duas vezes nos versos que se localizam no final do primeiro bloco:

É *noite* no meu amigo.
É *noite* no submarino.
É *noite* na roça grande.
É *noite*, não é morte, é *noite*

Isso indica que, apesar de lentamente, como é a noção que este grupo está responsável por transmitir-nos, a noite está terminando. Esta gradação produz uma espécie de “efeito de aurora”. Um outro elemento que vem ao auxílio deste efeito é a interrupção das anáforas, as quais vinham repetindo-se com alguma regularidade desde o primeiro verso, pelo advérbio de negação “não”.

O “efeito de aurora” que vem sendo produzido pode parecer paradoxal já que, nos versos imediatamente precedentes, existe um “pico de escuro”, que significa a dominação das sombras pelo mundo a fora. Mas, este possível paradoxo se resolve quando pensamos no título “Passagem da noite”. O substantivo passagem indica algo circunstancial, em fase de transição, algo que não será permanente. Portanto, é de se esperar que a noite, embora tratando-se de um processo lento, chegue a um fim.

O fato de o período noturno alcançar seu clímax pouco antes do final do bloco evidencia a importância do segundo momento, o banho de luz que ele nos trará. Nesse sentido, há uma valorização do amanhecer, na qual sentimos, profundamente, o contraste escuro/claro.

O segundo momento do poema pode ser tomado como uma representação do dia. Ao contrário dos vinte versos precedentes, nos vinte subseqüentes há a ocorrência de consoantes expirantes, como as sibilantes *s*, *z*, *f*, *v* e as chiantes *j* e *ch*, especialmente nos versos terminados por ponto de exclamação: “Mas *sa/ve*, *o*har de *alegria!*” ou “o *essen*cial/



é viver!” apoiadas na consoante líquida *l*. Combinadas, elas conferem uma idéia de fluidez, de deslizamento, de sussurro, o que se resume na idéia de movimento, oposto ao estacionamento do grupo [nt]. Essa idéia se acentua com a utilização de verbos de movimento (andar, prosseguir, chupar), e é acentuada pelo *enjambement* nos versos 31 e 32 e 35, 36 e 37.

Com relação à pontuação, este fragmento é rico em exclamações, sendo o precedente destinado às interrogações (versos 12 e 13), isto indica que o eu-lírico encontrou respostas para seus anseios com a claridade do dia. Porém, devemos refletir sobre qual eram estes anseios e o papel da oposição escuro/claro.

Para que possamos desvendar os anseios do eu-lírico devemos ter em mente um dado básico: “Passagem da Noite” é um poema que sintetiza as duas principais preocupações de Carlos Drummond de Andrade em *A Rosa do Povo*, o EU *versus* o MUNDO. Portanto, as considerações tecidas ao redor da problemática textual podem levar em conta os dois pólos de oposição.

Afirmamos, através de marcas textuais, que a primeira estrofe refere-se à noite, mais propriamente ao escuro. O escuro é tanto a ausência de luz, onde podemos nos ocultar dos demais, estando assim protegidos contra as ameaças do meio externo, quanto escondidos de nós mesmos, de nossos defeitos, de falhas que, eventualmente, possamos querer negar.

Ao mesmo tempo, podemos estar perdidos dentro desta escuridão, sem um caminho definido e seguro para trilhar. Então, inferimos que, no escuro, não somos vistos pelo outro, da mesma forma que o outro não nos vê, isso cria uma situação dialógica de proteção. No entanto, se existe uma busca por proteção, existe um sentimento de medo. O medo gerará uma série de questões na mente do indivíduo, como podemos notar na primeira estrofe pelos pontos de interrogação, ao executarmos perguntas, pressupõe-se que temos dúvidas. Portanto, concluímos que a noite é a dúvida. Não se trata de dúvida una, mas bipartida entre os níveis do “eu” e do “mundo”, do social.

Para compreender o primeiro nível, referente ao “eu”, devemos resgatar certos elementos referentes ao poeta, não num sentido estritamente biográfico, mas tendo em vista alguns temas desenvolvidos por Drummond nesta fase de sua produção poética. O que nos interessa aqui é a crise vivida em relação a sua própria idade, a perspectiva do desenrolar do tempo e da aproximação da velhice, tão bem sintetizada neste trecho de “Versos à Boca da Noite”: “a vida é ou foi” (ANDRADE, 2004, p. 145). Esta questão



apresenta-se, de certa forma, melancolicamente, resolvida nos seis primeiros versos de “Passagem da Noite”: o eu-lírico sedimenta a presença da dúvida com o verbo de estado e admite que a sombra da velhice torne-lhe a face negra, ou seja, com as marcas de expressão da idade. Para o agravamento do quadro, vemos que essa condição instala-se dentro do eu, pois o grito de entusiasmo “se calou, fez-se desânimo”. Isso indica que, para o poeta, a vida já foi.

Além disso, trata-se de uma crise particular, que não pode ser resolvida com a ajuda de outrem, já que, no verso 14, o poeta afirma que “o seu amigo”, ou seja, aquele que está próximo dele também encontra-se na noite, ocultado pelo escuro e não pode ajudá-lo, no limite, não pode sequer vê-lo. Dessa forma, o eu se reconhece sozinho na escuridão com sua dúvida parcialmente resolvida, mas por outro lado, torna seus defeitos imperceptíveis para o outro, como, no caso, estar ficando velho, o que pode ser tido como um tipo de falha a ser escondida. Por isso, as vozes ou as luzes (lâmpada) exteriores (versos 12 e 13) não sanam em nada a inquietação do eu-lírico que deve extrair a melhor solução (que não é essa, de que a vida já passou) de si mesmo através da profunda reflexão, tida como um momento de sono espesso; e sem entregar-se a qualquer tipo de distração que pudesse desvanecer-lhe de seu intento: a dissolução da dúvida. Portanto, sem praia.

Já o segundo nível, referente ao mundo, tem início no verso 7:

Sinto que nós somos noite,
que palpitamos no escuro
e em noite nos dissolvemos.
Sinto que é noite no vento,
noite nas águas, na pedra.

O texto sai da primeira pessoa do singular e passa à primeira pessoa do plural, com o objetivo de englobar o universal, da mesma forma que a Segunda Guerra estava mexendo com os ânimos de todos os seres vivos no planeta, mesmo os que não estivessem diretamente ligados ao conflito. O grau de alcance de um embate bélico mundial faz com que as pessoas temam por seu futuro e sintam-se incertas quanto a ele. Elas palpitam no escuro de uma dúvida coletiva e ao mesmo tempo, podem questionar-se em relação a qual é o real objetivo daquilo, da barbárie, do morticínio e por isso dissolvem-se, desagregam-se na tentativa de compreender tal disparate.

Nos dois últimos versos do fragmento acima, vemos que a dúvida, assim como o sentimento de medo, espalharam-se por todos os cantos do ambiente, inclusive nos



elementos da natureza: os dois primeiros, vento e água, dado o caráter de fluidez apresentado por ambos, contribuem para a circulação da dúvida por onde passarem. O terceiro, a pedra, a qual não podemos nos esquecer, é um dos grandes símbolos da poética drummoniana, representa a resistência e isso nos faz sentir o quanto a problemática da guerra penetrou no âmago de todo contingente populacional, pois mesmo na pedra, a resistência, a dúvida está inserida.

Essa idéia de espalhamento, já mencionada anteriormente, também é retomada nos versos 14 e 15. A dúvida instala-se num lugar específico, o submarino, e num lugar maior, a roça grande, mesmo estando ambos, de certa forma, afastados dos centros de informação, como nos deixa implícito a palavra roça (campo, lugarejo ermo), o que englobaria um número maior de pessoas. Já submarino, nos remete ao contexto de combate propriamente dito, pois se tratava de uma arma bastante utilizada, e nem mesmo os ocupantes destes, os soldados, sabiam, ao certo, o resultado da guerra, se tornariam a ver suas famílias, seus lares, portanto, temiam por suas vidas.

O escuro, no segundo nível, não tem, aparentemente, nenhum caráter positivo como no primeiro, no qual ele tem a função de proteger o eu-lírico dos olhares do outro e dele mesmo para com seus defeitos (a idade, o estar envelhecendo). Aqui, o mundo todo parece estar emaranhado num contexto de completa incerteza, sem possibilidades de enxergar uma saída, uma luz no fim do túnel. Portanto, este é aquele caso em que o escuro significa estar perdido, sem rumo, o que gera perguntas, medo e dúvida.

Contrapondo os dois níveis de dúvida, a que concerne ao tempo, se a vida para o poeta é ou foi, e a que concerne ao destino do mundo frente à barbárie da guerra, temos, em comum, um tom bastante angustioso. Este tom faz com que circunscrevamos o poema “Passagem da noite” numa atmosfera bastante melancólica, remetendo-nos, até mesmo, aos primeiros momentos de composição de Drummond: o Penumbrismo, de influência simbolista.

No entanto, todos esses fatores desaparecem se, novamente, nos lembrarmos do título do poema. Ele indica que qualquer problema levantado pelo eu-lírico poderia ter um caráter passageiro ou que atravessando a passagem, acharíamos uma saída plausível para ele, mesmo sendo problemas mais difíceis, como é o caso dos levantados no texto. Da mesma forma que, graficamente, a noite terá um fim, as dúvidas aqui levantadas serão



solucionadas, o que acontece, de fato, na segunda estrofe. Assim, podemos pensar neste poema como sendo otimista desde o início.

As soluções para as dúvidas do eu-lírico começam com o surgimento do dia:

Mas salve, olhar de alegria!
E salve, dia que surge!

A exaltação da aurora com exclamações e ressalvas evidencia-nos que a dúvida, o questionamento, desvaneceu-se no indivíduo, assim, este não necessita mais do escuro para proteger-se porque não sente mais medo. Pelo contrário, está feliz por poder enxergar os fatos, “os corpos saltam do sono/o mundo se recompõe”. O próprio poeta desperta de um profundo sono, o sono espesso da reflexão que sanou o problema do primeiro nível. Esta solução condensa-se neste verso: “Existir: seja como for”.

Com estas palavras, o eu-lírico conclui que a vida ainda é, está sendo a todo instante mesmo ele já não ostentando o mesmo vigor da juventude ou sua face estando enrugada. Ele deve amar a todo custo, mesmo que não seja verdadeiro (“Amar, mesmo nas canções”) e aproveitar todas as sensações maravilhosas que se afiguram neste novo dia, como se fosse uma espécie de *carpe diem* (“Chupar o gosto do dia”). Ele se aceita como é, esta é a verdadeira chave de sua felicidade.

O tema do *carpe diem* pode ser associado à formação clássica de Drummond, assim podemos contrapor ainda mais os dois fragmentos do poema. O primeiro poderia, de alguma maneira, ser tomado como uma espécie de Idade Média, dado até mesmo sua composição em redondilhos, enquanto o segundo estaria mais relacionado a um tipo de Renascimento Clássico, tendo em vista a questão temática e seu caráter luminoso, deitando luz às sombras.

Para a resolução do segundo nível de dúvida, que se relaciona ao mundo, devemos nos voltar para questões exteriores ao poema. *A Rosa do Povo* foi publicado em 1945, ano do término da Segunda Guerra Mundial, portanto, podemos pensar que, no momento da confecção de “Passagem da Noite”, possivelmente, anterior a 1945, havia uma perspectiva de fim do conflito. Já que, uma luta, por mais sangrenta e acirrada que seja, não pode durar para sempre, ela “passa”, como sugere o título. Dessa forma, tudo aquilo que foi confiado à dúvida, retorna novamente ao convívio do poeta e ele agradece por isso, sentindo-se à vontade, a ponto de estabelecer um diálogo com estes elementos: “Obrigado, coisas fiéis!”



Portanto, temos que a solução do conflito com o mundo, para o poeta, é saber que aquele continua existindo e que a vida pode ser retomada após os momentos de obscurantismo. Os objetos e as situações que despertavam-lhe afeto perpetuam-se ou retornam: a bicicleta, como um símbolo para a diversão, “a fraterna entrega do pão”, ou seja, uma relação de proximidade com as pessoas, que poderia ter sido suplantada pela atmosfera de desconfiança da guerra e do Estado Novo getulista, que também teve seu fim em 1945.

Além disso, o eu-lírico parece ter a certeza de que o próprio mundo material ainda permanece, pois não se podia vê-lo devido ao escuro, essa metáfora para a dúvida da guerra e os combates nucleares que poderiam destruí-lo,

Saber que ainda há florestas,
sinos, palavras; que a terra
prosegue seu giro, e o tempo
não murchou; não nos diluímos!

No último verso deste fragmento, vemos que a humanidade também sobreviveu a todas as turbulências do período, mesmo com as inevitáveis alterações no globo, ela não se diluiu e, a sua maneira, perseverou para desfrutar deste mundo que renasce como o dia, tomando posse dele, em detrimento do medo que antes dominava através do binômio noite/dúvida, como evidenciam-nos os versos 29 e 30.

Conclusão

Para finalizar, o poeta agradece à clara manhã, novamente com uma referência direta, um tipo de diálogo, o que nos mostra seu reconforto, sua sensação de segurança. A atmosfera de tranquilidade que a manhã traz simboliza a resolução dos questionamentos do eu. O último verso sintetiza a maneira que ele deve proceder para obter êxito em ambos os níveis e ser, relativamente, feliz: “o essencial é viver!”

A resposta é a vida, a possibilidade de estar vivo, seja como for: aceitando-se como indivíduo maduro que vive num mundo alterado pela guerra, mas nos dois contextos, renascido. O eu-lírico dá-se conta disso e impregna-nos de uma espécie de otimismo, um otimismo resignado, pois aceitar as mudanças, muitas vezes, é uma forma de ser derrotado. Mas ele não se entrega ao total pessimismo e deixa a luz do dia banhar sua vida.



Através desse poema podemos ver como Drummond sintetiza com perspicácia duas preocupações essenciais em sua poética, a vertente mais social e a vertente mais pessoal, apontadas com pertinência por Antonio Candido (1995) em seu ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond”. Além de reunir, até mesmo, elementos de sua formação clássica, firmando-se como um dos mais notáveis poetas modernistas e de toda literatura brasileira.

Bibliografia

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 4ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.